

LUKÁCS, György. *Reboquismo e dialética*. Uma resposta aos críticos de *História e consciência de classe*. São Paulo: Boitempo, 2015.

### Na cauda do determinismo histórico objetivo

Claudinei Cássio de Rezende\*

*Reboquismo e dialética*<sup>1</sup> carrega consigo desde o seu título uma característica que foi pedra angular no itinerário de György Lukács, de sua transição ao marxismo aos últimos dias de sua vida, inclusive depois de sua guinada à ontologia: participar ativamente dos rumos do movimento comunista internacional e da construção do socialismo; plataforma ornada a partir de sua posição leninista de igualdade substantiva por meio de uma democracia de conselhos [*Rätedemokratie*], reiterada em seu escrito de 1968 sobre o processo de democratização. Seu título, então, já alude a esta peculiaridade distintiva lukacsiana, pois, por qual razão senão a de estar envolvido com o debate que se travava na construção do socialismo russo, Lukács teria escolhido a expressão *Chovstismus* para rebater seus críticos László Rudas e Abram Deborin<sup>2</sup>, replicando seus comentários acerca de *História e consciência de classe*<sup>3</sup>? Tal expressão denota que Lukács estava no *front* dos debates sobre a teoria revolucionária do período de transição da Rússia numa gestão de conselhos que se atrofia no *comunismo de guerra*<sup>4</sup>. Lenin, em *Que fazer?*<sup>5</sup>, no outono de 1901, já dialogava com os populistas *narodnikis* sobre a importância da liderança operária na revolução democrática, especialmente porque já se impunha a parca capacidade da burguesia russa de se colocar à frente do processo de modernização naquela Rússia atrasada. Por sua vez, os *narodnikis* questionaram o papel da liderança dos bolcheviques na ditadura do proletariado, o que fez Lenin designá-los de

---

\* Doutor em ciências sociais pela Unesp (Fapesp), sob orientação de Prof. Dr. Marcos Del Roio; pesquisador do Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder (NEHTIPO/ PUC-SP) sob coordenação de Prof. Dr. Antonio Rago Filho.

<sup>1</sup> Lukács, G. *Reboquismo e dialética*. Uma resposta aos críticos de História e consciência de classe. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2015.

<sup>2</sup> Os ensaios de Deborin e Rudas foram publicados na revista *Arbeiterliteratur* editada por Johannes Wertheim, Viena, Verlag für Literatur und Politik, 1924. Abram Deborin (1881-1963) foi filósofo, aluno de Plekhanov e redator-chefe da *Pod Znameniem Marksizma*. László Rudas (1885-1950), filósofo húngaro, fundou o Partido Comunista Húngaro e foi redator da revista *Vörös Újság*.

<sup>3</sup> Lukács, G. *História e consciência de classe*. Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>4</sup> Para isto, Cf. Serge, Victor. *O Ano I da Revolução Russa*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Editora Ensaio: São Paulo, 1993. Ver com especial atenção a seção V, pp. 385-412.

<sup>5</sup> Lenin, V.I. “Que fazer?” in Lenin. *Obras escolhidas*. Vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

agentes do reboquismo<sup>6</sup>, uma corrente espontaneísta que acreditava ser prescindível a necessidade das massas adquirirem a consciência de classe no processo revolucionário. Como uma cauda [*chvost*], tais populistas eram arrastados pelo movimento espontâneo em procrastinação completa, rebocados sem ação e sem poder de decisão diante do determinismo objetivo. Não seria preciosismo demais mencionar que os debates de Lenin durante sua deportação geraram uma firme posição contrária ao movimento espontâneo, percebendo desde logo a necessidade do partido revolucionário *no contexto russo*, o que se pode ver no seu escrito de fins de 1897, intitulado *A que herança renunciamos?*<sup>7</sup>. Visto que esta expressão já fazia parte do vocabulário dos revolucionários naquelas primeiras décadas do século 20, Lukács transportou a neologia russa *Chvostismus* para dentro de seu texto germanófono e não tratou de explicar o termo por supô-lo óbvio aos leitores daquela circunstância histórica. Se, de algum modo, estava somente anunciada em germe algumas conclusões que aparecerão bem mais tarde em sua *Ontologia*, especialmente a de que os homens se põem no mundo através de atos teleológicos, mas que tais atos colocam em movimento uma cadeia em conjunto de pores finalísticos cujos resultados não são completamente controlados pelo indivíduo singular, e são, portanto, elementos causais-postos (em antagonismo a causalidade meramente espontânea da natureza orgânica não-social); por outro, já estava bem demarcada uma das mais importantes contribuições lukacsianas ao marxismo, a saber, a inexistência de um determinismo objetivo que se poria como um finalismo histórico, bem como já se anuncia que suas reflexões levariam ao encontro do que em Marx pode ser vislumbrado como uma irreversibilidade dos processos históricos<sup>8</sup>. Isto se revela especialmente a partir do momento em que Lukács amplia e remodela o conceito de *Chvostismus*, demonstrando que ao mesmo tempo que Ruda ignora a práxis e acaba sendo rebocado pelos acontecimentos à rabeira da história, ele também, por via de consequência, aceita passivamente que a história é um acontecimento que se desenrola a despeito dos homens e de suas consciências do mundo. A história se desenvolve inexorável e progressivamente, num fatalismo evolutivo, numa “ideologia do progresso inevitável”, pode-se concluir a partir das concepções de Ruda;

---

<sup>6</sup> A expressão de Lenin se refere a “*Chvostismus*”, transliteração ocidental que em russo é proveniente do prefixo “XBOCT”. Com raiz fonética equivalente, em alemão, por sua vez, o substantivo “cauda” é grafado *Schwanz*.

<sup>7</sup> Lenin, V.I. “A que herança renunciamos?” in Lenin. *Obras escolhidas*. Vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

<sup>8</sup> Tal reflexão pode ser vista nos *Grundrisse* (Marx, K. *Grundrisse*. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. Cf. particularmente as reflexões de Marx sobre Bastiat), mas aparece numa fórmula sintética em que Marx, parafraseando Vico, diz no *Dezoito Brumário* (Marx, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Tradução de Nélio Schneider. Boitempo: São Paulo, 2011, p. 25) que os homens são os atores de sua própria história, no entanto, atuam a partir de condições históricas transmitidas pelo passado, não escolhendo, então, todas as variáveis das suas alternativas de ação. Cf. também Wilson, Edmund. *Rumo à estação Finlândia*. São Paulo, Cia das Letras, 1986, particularmente o capítulo sobre Vico.

concepções fortemente fincadas no marxismo oficial e determinista dos anos 1920, absolutamente contrário a toda a preocupação lukacsiana de uma vida: a circunscrição da irreduzibilidade da subjetividade do sujeito e seu campo de possibilidades diante do mundo, moldando numa via dialética o seu próprio gênero – questão pontuada por Nicolas Tertulian<sup>9</sup> em seu posfácio desta obra de Lukács agora trazida à luz. Portanto, uma díade presente em Lukács desde a sua juventude e que se aprofunda e expande na maturidade: a preocupação em torno da subjetividade, como uma delimitação do verdadeiro ser do homem; e a sua posição política sempre presente de participar ativamente dos rumos daquilo que ele próprio sempre acreditou potencializar a emancipação humana.

Supostamente escrita entre 1925 e 1926 – Michael Löwy<sup>10</sup>, convincentemente, aponta para o ano de 1925, porque o seu estilo de escrita sugere que tenha sido uma resposta imediata aos seus críticos, que direcionaram seus escritos em 1924 contra a concepção de consciência de classe elevada à categoria geral abstrata; e porque a orientação filosófica lukacsiana sofre uma guinada em 1926; o que a faz situada entre o escrito *Lenin*<sup>11</sup> e o escrito sobre *Moses Hess e o problema da dialética idealista*<sup>12</sup> –, esta resposta aos críticos de *História e consciência de classe* foi originalmente composta em alemão num documento de 92 páginas e permaneceu inédita até 1996, quando László Illés trouxe a público na revista *Magyar Filozófiai Szemle*, após descobri-la nos arquivos do Komintern, no antigo Instituto Lenin da União Soviética – ausentes apenas suas últimas páginas, pelo que se pode sugerir por meio do andamento das conclusões ali enunciadas por Lukács. Esta resposta, como enunciou Lukács, não é exatamente uma defesa de seu livro *História e consciência de classe*, mas um ataque ao “menchevismo escancarado de Deborin e o reboquismo de Rudas”<sup>13</sup>. Traduzindo e disponibilizando este texto pela primeira vez em português, a Boitempo faculta aos estudiosos lusófonos a possibilidade da leitura desta fase de ordenamentos e reviravoltas importantes no pensamento lukacsiano<sup>14</sup>, inaugurando, sob coordenação de José Paulo Netto, a Biblioteca

---

<sup>9</sup> Cf. neste volume de Lukács o posfácio de Tertulian: “Posfácio: avatares da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de György Lukács”.

<sup>10</sup> Cf. o prefácio de Michael Löwy, componente do livro ora lançado. “Prefácio. Dialética revolucionária versus ‘reboquismo’: a resposta de Lukács à crítica a *História e consciência de classe*”. In Lukács, G. *Reboquismo...* *op.cit.*, 2015, pp. 13-23.

<sup>11</sup> Lukács, G. *Lenin. Um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. Trad. Rubens Enderle. Revisão de Miguel Vedda. São Paulo: Boitempo, 2012.

<sup>12</sup> Lukács, G. “Moses Hess und die Problem des idealistischen Dialektik”, in Lukács, G. *Werke*, vol. 2: *Frühschriften II*, Darmstadt/Neuwied, Hermann Luchterhand, 1977, p. 641-686.

<sup>13</sup> Lukács, G. *Reboquismo e dialética*. *op. cit.*, 2015, p. 34.

<sup>14</sup> Sobretudo, porque, dos escritos lukacsianos dos anos 1920, temos também pela editora Boitempo o opúsculo *Lenin* – Lukács, G. *Lenin*. *op.cit.*, 2012. Cf com atenção a apresentação de Miguel Vedda acerca da guinada de Lukács de 1919 a 1924, na qual a vida cotidiana passa a ser o palco de resolução de toda a práxis social.

Lukács, que conta já com seis títulos, dentre os quais destacamos a monumental *Ontologia*<sup>15</sup>, publicada integralmente, incluindo os seus *Prolegômenos*<sup>16</sup>, estes, considerados por Nicolas Tertulian, com toda razão, um autêntico testamento filosófico lukacsiano.

Uma nota que extrapola o campo das meras curiosidades foi exposta por Illés, quando descobre o texto original datilografado: “É provável que Lukács o tenha enviado de Viena diretamente ao Instituto Lenin ou a alguma instância ou redação. Na página que envolve o escrito datilografado, há a seguinte anotação a lápis em língua russa: ‘K. F. Inst. Lenin. Descartar? Escrito incompreensível de um choramingas que não expressa seu ponto de vista de forma clara e direta – 31.10.1941. Podvoiskii’.”<sup>17</sup> É certo que Lukács já admitia ter perdido tal *resposta*, como menciona o editor húngaro ao se remeter ao *Prefácio de 1967 de História e consciência de classe*. Löwy sustenta que a razão da não publicação desta resposta pode estar relacionada ao órgão ao qual Lukács submete seu escrito: provavelmente ao *Pod Znameniem Marksizma*, revista que havia outrora publicado a crítica de Deborin. Isto também explicaria a razão do original estar em Moscou, dado como perdido pelo próprio autor – Löwy também sustenta que este fora o motivo de Lukács utilizar a expressão *Chvostismus* “conhecida somente dos leitores russos”<sup>18</sup>, todavia, parece-nos mais sustentável que, assistindo ao itinerário biográfico de Lukács, o filósofo húngaro estava na cabeceira dos debates sobre a teoria da revolução social. Quanto à ideia de que Lukács não teria publicado seu texto por temer uma reação negativa do Partido, não nos parece adequada por vários motivos, dentre os quais destacamos que o contexto de 1925 era bastante diverso daquele pelo qual o stalinismo veio a ser conhecido dez anos depois, e some-se a isso o fato de Lukács ter publicado uma crítica à sociologia de Bukharin, figura muitíssimo mais expressiva no movimento revolucionário que Rudas ou Deborin. Outra hipótese verossímil é a de que Lukács possa ter abandonado a veleidade de tal publicação por já não mais compactuar com a ideia central ali exposta, vindo naquele momento a constituir um novo direcionamento filosófico; motivo pelo qual Lukács possivelmente jamais tentou publicar tal texto depois de um suposto indeferimento de publicação por parte dos editores soviéticos, perdendo seu original. Löwy adverte que, nesta época da negativa de seu escrito, Lukács passava por uma rota de

---

<sup>15</sup> Lukács, G. *Para uma Ontologia do ser social I*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mário Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012. e Lukács, G. *Para uma Ontologia do ser social II*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013

<sup>16</sup> Lukács, G. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. Tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>17</sup> Lukács, G. *Reboquismo e dialética*. op. cit., 2015, p. 27.

<sup>18</sup> Löwy in Lukács, G. *Reboquismo e dialética*. op. cit., 2015, p. 15.

descrédito no poder da iniciativa subjetiva (esta, guia central de *Reboquismo e dialética*)<sup>19</sup>. Mas qual seria a razão de uma reconfiguração filosófica tão súbita de Lukács entre seu escrito datilografado no calor dos acontecimentos de 1925, no qual se tem uma apologia do subjetivismo revolucionário, à *reconciliação com a realidade* presente no ensaio sobre Moses Hess? Provavelmente a desilusão violenta frente ao fracasso da revolução mundial e ao arrefecimento das ondas revolucionárias no centro europeu, restando a forma inacabável do *socialismo em um só país*<sup>20</sup>. Razão pela qual Lukács assume uma posição anti-trotskista nos anos seguintes, até então inédita no percurso do filósofo, especialmente a partir de 1927<sup>21</sup>, e nunca mais abandonada nem mesmo no momento em que defendeu a necessidade do monstrengo jurídico soviético dos Processos de Moscou, nos diálogos de sua autobiografia com Eörsi<sup>22</sup> ou em outros escritos políticos<sup>23</sup> sobre o stalinismo, no final de sua vida. Não se

---

<sup>19</sup> *Idem*, p. 22.

<sup>20</sup> Cf. Deutscher, Isaac. *A revolução Inacabada. Rússia 1917-1967*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Particularmente, uma indicação teórica que possivelmente dá as bases da posterior análise de Mészáros acerca da economia soviética pode ser vista nesta obra e em Ernest Mandel. Cf. também Mandel, Ernest. Marx e Engels: a produção de mercadorias e a burocracia – bases teóricas para a compreensão marxista da União Soviética. In *Ensaio 14*. São Paulo, Editora Ensaio, 1985.

<sup>21</sup> Lukács, G. *L'art pour l'art und proletarische Dichtung*. *Die Tat*. Jena, v. 18, n.3, jun. 1926 (referência favorável a Trotski). Lukács, G. *Eine Marxkritik in Dienste des Trotzismus*, Rezension von Max Eastman: Marx, Lenin and the Science of Revolution. *Die Internationale*, v. 10, n. 6, 1927, p. 189-190. Cf. Michal Löwy, prefácio citado.

<sup>22</sup> Vejamos, nas palavras de Eörsi que abrem a autobiografia de Lukács: “Pertencer ao partido era para ele uma necessidade vital. ‘*Right or wrong, my party*’, com esta frase, que soa bastante estranha na boca de um filósofo, ele justificava por que nem mesmo na época dos expurgos tinha se insubordinado contra o stalinismo. Nem mesmo intimamente! Ademais, sustentava essa posição apontando também motivos históricos, como na entrevista que concedeu à *New Left Review*, só publicada após sua morte no número de julho/agosto de 1971. Nela, repetiu enfaticamente sua convicção: ‘Só nas fileiras do movimento comunista é que se podia lutar de maneira eficaz contra o fascismo. Hoje ainda sou dessa mesma opinião’. Mas, por volta de 1970, o crítico que sabia apreciar as obras dos irmãos Mann e de Attila József só poderia manter-se fiel à essa convicção suprimindo generosamente os fatos. À guisa de argumentação, também tinha afirmado várias vezes que durante o conflito entre Stalin e Hitler, por obrigação moral, fora preciso adiar qualquer crítica à União Soviética. Mas, mesmo que assim fora naquela época, por que ele não rompeu o silêncio mais tarde? Por que, após seu regresso à Hungria, mesmo no estreito círculo dirigente dos comunistas húngaros, que não conheciam pessoalmente a União Soviética, ele agiu como se nada soubesse dos terríveis grilhões da existência física e espiritual, da atmosfera de medo geral, dos campos de concentração que funcionavam como excelentes campos de extermínio, ou seja, da orientação stalinista do desenvolvimento soviético? A sequência da entrevista à *New Left Review* responde a esta pergunta: “Sempre fui da opinião que, mesmo na pior forma de socialismo, se pode viver melhor do que na melhor forma de capitalismo”. No número de maio de 1969 da revista *Neues Forum*, diz a mesma coisa de maneira ainda mais direta: ‘Mas, mesmo o pior socialismo é sempre melhor do que o melhor capitalismo. Só aparentemente isto é um paradoxo’. Quem defende esta opinião não precisa de motivos históricos especiais ou de considerações morais para se tornar membro de um partido que dirige a construção desse adorado socialismo. (Eörsi in Lukács, G. *Pensamento Vivido*. São Paulo, Ensaio Ad Hominem, 1999, p. 11).

<sup>23</sup> Cf. Lukács, G. Carta sobre o stalinismo. In *Temas de Ciências Humanas*. vol. 1. São Paulo: Temas, 1977, p. 3: “Permitam-me uma breve digressão sobre o significado das reabilitações. Sem dúvida todos aqueles que, nos anos trinta e mais tarde, foram injustamente perseguidos, condenados e assassinados por Stalin, devem ser reabilitados quanto às “acusações” inventadas contra eles (espionagem, sabotagem, etc.). O que não implica que devam ser “reabilitados” também os seus erros políticos e as suas perspectivas falsas. Sobretudo no caso de Trotski, que foi o principal defensor teórico da tese de que a construção do socialismo em um só país era impossível”.

pode esquecer que em setembro de 1922, em *Observações metodológicas sobre a questão da organização*<sup>24</sup>, Lukács defende abertamente a posição trotskista contra Kautsky.

No seu ensaio *Por uma sociologia dos intelectuais revolucionários*<sup>25</sup>, Löwy aponta para os impactos que *História e consciência de classe* teve entre os mais diversos intelectuais de sua geração, de Kosik a Goldmann, e destaca que as principais críticas imediatamente dirigidas a Lukács partiram de Rudas e Deborin, e que tais críticas foram situadas “no terreno do materialismo pré-dialético”<sup>26</sup> – daí a ideia da reivindicação *dialética* de Lukács. Deborin se ancora em Plekhanov na demonstração de um marxismo naturalista-finalista, duramente criticado por Lukács; Rudas, por sua vez, “compara as leis marxistas da sociedade com a lei da evolução de Darwin, para chegar à surpreendente conclusão de que o marxismo é ‘uma pura ciência da natureza’.”<sup>27</sup> Lukács, portanto, assume que deve enfrentar seus críticos partindo exclusivamente das críticas elaboradas por estes, que pode ser sintetizada em duas frentes principais: dialética da consciência de classe e a questão da dialética da natureza – deixando de fora a questão da reificação, talvez a parte mais substancial de *História e consciência de classe*, muito provavelmente porque tal debate se ausentou em Rudas e Deborin, apontando para, ao menos, uma aceitação destes dois autores à posição original acerca da reificação em Lukács.

Mas o texto em questão de Lukács, mantinha a mesma força dialética de *História e consciência de classe*, que tanto chocou seus críticos. Embora Deborin aponte alguns elementos de fraqueza no texto de Lukács, isto era porque na ocasião Lukács ainda não tinha plena consciência refletida sobre o peso da natureza no intercâmbio orgânico com a sociedade e, portanto, do papel fundador do trabalho nas forjas do ser social. Quem melhor compreende a questão do interesse lukacsiano por uma ontologia da natureza é Nicolas Tertulian. O que difere a obra de maturidade lukacsiana de sua posição acerca da natureza e da dialética do sujeito na juventude é justamente uma melhor apreensão das posições teleológicas dos indivíduos singulares moventes no interior do gênero humano. Para Lukács, “não se tratava de uma redução da sociedade ao *status* de uma ‘segunda natureza’, e portanto de uma ‘naturalização’ da sociedade, mas, pelo contrário, de definir sua heterogeneidade qualitativa”, acrescenta Tertulian<sup>28</sup>. Justamente por identificar na teleologia o fenômeno originário da vida social, Lukács preserva a ideia da práxis como geradora de toda sociabilidade; mas,

---

<sup>24</sup> Ensaio que encerra *História e consciência de classe*; op. cit., 2003, pp. 523-594.

<sup>25</sup> Publicado no Brasil com título *A evolução política de Lukács 1909-1929*. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

<sup>26</sup> Löwy, M. *A evolução política de Lukács*. Op. cit., 1998, p. 204.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>28</sup> Tertulian in Lukács, op. cit., 2015, p. 139.

diferentemente de outrora, o velho Lukács leva em consideração um elemento central, uma práxis muito mais realista, que modifica o resultado de sua análise: o papel da causalidade posta como fundamento ontológico da práxis. Isto significa que Lukács clarifica a ideia original contida em *História e consciência de classe*, agora percebendo que a atividade finalística passa pela mediação das redes causais objetivas.

E é neste sentido que Lukács percebe os limites da ciência positivista, quando questiona a autenticidade das críticas de Rudas e Deborin acerca de um suposto *subjetivismo* em sua obra precedente, atribuindo tal problemática às análises de seus críticos. Especialmente pelo motivo dos enunciados críticos parcamente elaborados, Lukács redesenha a questão em outros termos: (i) o que se deve entender por sujeito?; e, derivando desta questão, a proposição mais cara a Lukács jamais abandonada e reforçada em sua obra tardia, a saber (ii) qual é a função do sujeito no processo de desenvolvimento histórico? Lukács só pôde apresentar a nova formulação da questão por perceber o determinismo objetivo de seus críticos, o homem apresentado como passivo nos processos históricos inexoráveis, que finca então a sua base sustentadora no positivismo (na consideração de que a ciência só pode ter como objeto aquilo que está completamente isento de qualquer participação subjetiva). No limite, percebe Lukács, para Deborin não existem classes sociais, porque a sociedade humana luta contra as forças elementares da natureza; enquanto que para Rudas, toda situação histórica se desenvolve “*independentemente – ainda que através – da consciência humana*”.<sup>29</sup> Não nos importa até aqui que Lukács recaia na questão, mais tarde por ele mesmo suplantada no célebre *Prefácio de 1967, do ponto de vista da totalidade*, cuja manifestação ocorre, para o filósofo húngaro, no proletariado de modo completamente diferente do que se passou em toda a história genérica humana precedente. A base do conhecimento (e a potencialidade de sua apropriação pelo sujeito) é um tema que percorre, deste modo, as duas seções do livro de Lukács, tanto em relação aos problemas da consciência de classe, como em relação à dialética e a apreensão do mundo – com destaque especial ao modo pelo qual Lukács pôde perceber como as leis da ciência da natureza estiveram no século 19 mediadas pela racionalização do mundo burguês (diferentemente da inversão acima aludida de Rudas).

Löwy destaca que enquanto em *História e consciência de classe* há uma tentativa bastante original de integrar Rosa Luxemburgo ao leninismo, em *Reboquismo e dialética* Lukács a apresenta como referência negativa de um puro espontaneísmo em contraste com a organização do partido. E complementa afirmando que a relação entre a “consciência

---

<sup>29</sup> Lukács, G. *Reboquismo e dialética*. op. cit., 2015, pp. 35-36.

atribuída” e a consciência empírica é percebida como processo dialético em que a classe, assistida por sua vanguarda, “alça-se à consciência atribuída (*zugerechnetes Bewusstsein*) através de sua própria experiência de luta”, fazendo com que “em *Reboquismo e dialética* a tese estritamente não dialética de Kautsky de que o socialismo é ‘introduzido a partir de fora’ na classe pelos intelectuais – uma visão mecanicista assumida por Lenin em *Que fazer?* (1902), mas descartada após 1905 – é apresentada como a quintessência do ‘leninismo’. Enquanto em *História e consciência de classe* Lukács insistiu que ‘o conselho de trabalhadores é a superação econômica e política da reificação capitalista’, *Reboquismo e dialética* ignora os soviets e se refere somente ao partido, chegando ao ponto de identificar a ditadura do proletariado com a ‘ditadura de um partido comunista real’.”<sup>30</sup>

RECEBIDO EM 18-10-2016

APROVADO EM 05-05-2017

---

<sup>30</sup> Löwy in Lukács, G. *Reboquismo e dialética*. op. cit., 2015, p 17.